

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS

**CARACTERIZAÇÃO FISIOLÓGICA E COMPORTAMENTAL DE CÃES
TERAPEUTAS DURANTE ATIVIDADES DE TERAPIA ASSISTIDA COM
IDOSOS**

Maria Fernanda Santos Silva

Unaí
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

**CARACTERIZAÇÃO FISIOLÓGICA E COMPORTAMENTAL DE CÃES
TERAPEUTAS DURANTE ATIVIDADES DE TERAPIA ASSISTIDA COM
IDOSOS**

Maria Fernanda Santos Silva

Orientadora:

Jeanne Broch Siqueira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Bacharelado em Ciências
Agrárias, como parte dos requisitos exigidos
para a conclusão do curso.

Unaí
2018

**CARACTERIZAÇÃO FISIOLÓGICA E COMPORTAMENTAL DE CÃES
TERAPEUTAS DURANTE ATIVIDADES DE TERAPIA ASSISTIDA COM
IDOSOS**

Maria Fernanda Santos Silva

Orientadora:

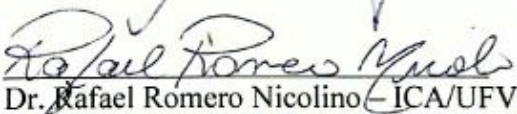
Jeanne Broch Siqueira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Bacharelado em Ciências
Agrárias, como parte dos requisitos exigidos
para a conclusão do curso.

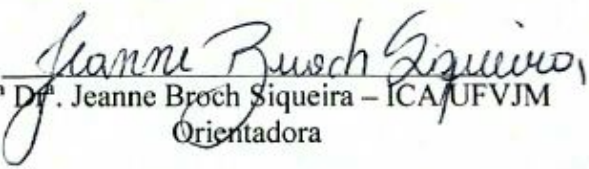
APROVADO em 24/07/2018



Profª Drª Heloisa Maria Falcão Mendes – ICA/UFVJM



Prof. Dr. Rafael Romero Nicolino – ICA/UFVJM



Profª Drª. Jeanne Broch Siqueira – ICA/UFVJM

Orientadora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REVISÃO DE LITERATURA	7
3 MATERIAL E MÉTODOS	9
3.1 Local do experimento	9
3.2 Seleção dos animais	9
3.3 Avaliação dos Parâmetros Fisiológicos	10
3.4 Avaliação Comportamental	11
3.5 A sessão Terapêutica.....	11
3.6 Análises Estatísticas.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
5 CONCLUSÕES	19
6 REFERÊNCIAS	20

1 – INTRODUÇÃO

A Terapia Assistida por Animais (TAA), também chamada *Pet Therapy* ou Zooterapia é uma modalidade de terapia que utiliza animais para promoção do bem-estar humano e animal (Carvalho et al. 2011). A TAA é uma prática com critérios específicos onde o animal é a parte principal do tratamento, com o objetivo de promover a melhora social, emocional, física e/ou cognitiva de pacientes humanos (Machado et al. 2008).

O relacionamento entre homens e animais é uma entidade complexa iniciada nos primórdios da história da humanidade com a domesticação dos animais e mantida até hoje graças a sentimentos muito peculiares (Improta, 2007). Historicamente a TAA foi utilizada de forma pioneira e intuitiva em 1792 no tratamento de doentes mentais (Kobayashi et al. 2009). Posteriormente, pesquisadores constataram que a terapia proporciona vários benefícios aos indivíduos que a recebem.

A TAA tem sido utilizada como um instrumento que auxilie no tratamento de algumas doenças, mostrando uma série de efeitos benéficos em pacientes psiquiátricos, adultos, crianças hospitalizadas, idosos, entre outros (Pereira et al. 2007). A utilização de animais como forma de tratamento ou terapia, envolve questões características do relacionamento homem-animal, levando ao resgate e/ou intensificação de sentimentos e sensações que somente esse contato pode proporcionar. É indicada para qualquer pessoa, seja idosa, adulta ou criança, com problemas psiquiátricos, portadores de deficiência física ou mental, com câncer ou qualquer outro tipo de enfermidade, estando o paciente domiciliado ou institucionalizado (Carvalho et al. 2011).

A Terapia Assistida por Animais, deve ser aplicada e supervisionada por profissionais da saúde, devidamente habilitados, sendo todo o processo documentado e avaliado periodicamente, objetivando promover a melhora da função física, social, emocional e/ou cognitiva dos pacientes (Kobayashi et al. 2009). A TAA, quando realizada de forma sistematizada e acompanhada por uma equipe multiprofissional, consegue englobar a extensão biopsicossocial relativa ao indivíduo.

A evolução dos cães é particularmente interessante pois, ao invés da seleção natural pelo ambiente, a seleção artificial por humanos foi a responsável pelas centenas de raças de cães domésticos que existem hoje. A utilização de cães em terapias pode ser considerada a opção mais favorável pelo fato dos cães sofreram uma evolução convergente a dos seres humanos apresentando comportamentos semelhantes (Udell et

al. 2008). A avaliação do bem-estar ou do estresse excessivo não é fácil e alguns métodos de análise são bastante subjetivos. Dentre as formas de avaliação mais objetivas, encontram-se a dosagem do cortisol e a mensuração de variações significativas de características fisiológicas, especialmente a pressão arterial (Yamamoto et al. 2012). As atividades da TAA, incluindo deslocamento para o local, exposição a um novo ambiente e a humanos não familiarizados e o próprio tratamento terapêutico elevam os níveis de cortisol dos cães (Haubenhofner et al. 2006).

Frente à importância do tema para a saúde do animal e do paciente assistido, é fundamental avaliar o bem-estar físico e comportamental do animal utilizado como terapeuta. Portanto, objetivou-se com este estudo identificar a ocorrência de alterações fisiológicas e comportamentais dos cães expressas na presença de idosos, que possam interferir no trabalho e na saúde do cão, assim como avaliar o bem-estar dos cães durante as atividades de Terapia Assistida por Animais em idosos da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) Abrigo Frei Anselmo da SSVP, do município de Unai/MG.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

A Terapia Assistida por Animais visa alcançar benefícios físicos, psíquicos, sociais e educativos, tais como: melhoria de destrezas motoras finas; destrezas no manejo da cadeira de rodas; melhoria da postura do paciente; estimulação de atividades físicas; aumento da interação verbal entre os membros da equipe de saúde; melhoria da capacidade de atenção; diminuição da ansiedade; diminuição da sensação de solidão; melhoria da imagem corporal; participação em atividades recreativas; estimulação da disposição e interação a participar em atividades de grupo; melhoria das relações da equipe de saúde; aumento do vocabulário; estimulação da memória imediata e de longo prazo (Malakoski et al. 2009).

Para colocar em prática a Terapia Assistida por Animais, existem recomendações quanto ao animal, ao paciente e à coordenação do programa de TAA (Kobayashi et al. 2009). Essas recomendações norteiam e direcionam a forma como técnica deve ser realizada, sem oferecer riscos aos envolvidos.

Os aspectos mais importantes que um animal deve apresentar para integrar o programa são: ter comportamento amigável com estranhos e apresentarem-se saudáveis, livres de enfermidades. Um animal de terapia deverá ser calmo e inspirar confiança em quem o irá manejar, deverá sustentar o olhar das pessoas, gostar que lhe façam festas, o abracem e toquem, mantendo-se calmo perante movimentos bruscos e barulhos altos. Todo o animal de terapia será treinado para a atividade prevista. Os animais devem ter acompanhamento médico veterinário, garantindo o bom estado sanitário do animal e minimizando o potencial zoonótico. É imperativo zelar pelo bem-estar do animal com respeito e muito carinho, pois, o bom funcionamento da TAA depende da qualidade de vida desses terapeutas animais (Centro de Equoterapia de Uruguaiana Gen. Fidelis, 2014).

Entretanto, existem poucos estudos acerca dos cuidados com o bem-estar dos animais, assim como sobre as questões éticas relacionadas à sua utilização nas interações assistidas (Iannuzzi et al. 1991), e estas não são simples temáticas. As necessidades dos animais são exigências biológicas básicas para obtenção de um determinado recurso ou responder a um estímulo específico ou corporal. Assim, a manutenção do bem-estar dos animais não é restrita apenas a questões mínimas de sobrevivência, inclui também necessidades individuais, desejos e gostos (Broom et al. 1993). Em muitos casos, apesar de possuírem motivações bastante positivas, os tutores

umentam o risco de prejuízo para os animais devido à falta de informação e recomendação profissional de qualidade (Iannuzzi et al. 1991).

Além da importância devida também às questões legais, esses aspectos são indispensáveis para a formação da aliança interespecífica, que influencia diretamente o resultado terapêutico. As preocupações mais comuns em relação aos cães de TAAs são relacionados a fadiga, exaustão, acesso limitado a água, altas temperaturas, combinações entre desidratação e calor, duração das atividades e a frequência de visitas (Iannuzzi et al. 1991).

No Brasil existem vários projetos em andamento, que utilizam animais como terapeutas ou coadjuvantes terapêuticos. A utilização deste recurso terapêutico vem garantindo melhor qualidade de vida para pessoas de todas as idades. Assim, esse trabalho justifica-se como uma contribuição para se responder se os cães, quando trabalhando nos grupos de TAA, agem de modo similar ao modo quando estão no ambiente doméstico, relacionando estímulos – encontrados apenas nessas atividades – com comportamentos típicos caninos e analisando-os de maneira comparativa em relação aos comportamentos relacionados ao estresse e desconforto.

Baseado nesses trabalhos e no desenvolvimento das atividades do projeto de extensão Zooterapia: bicho amigo do Campus de Unaí/UFVJM, realizado na Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) Abrigo Frei Anselmo da SSVP, surgiu a melhoria da qualidade de vida de idosos, é que houve o interesse sobre os benefícios diretamente ligados ao bem-estar dos animais.

3 – MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Local do experimento

O Projeto foi desenvolvido dentro das dependências da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPL), Abrigo Frei Anselmo da SSVP do município de Unaí-MG, durante o período de agosto de 2017 a julho de 2018. A Instituição atende a idosos e pacientes com outras características, mas que permaneciam na instituição no período de transição do caráter asilar para ILPI. O atendimento direcionado a essas pessoas englobam toda a extensão biopsicossocial, sendo assistidos durante 24h por dia durante todos os dias do ano, contando com um quadro de funcionário extenso e uma equipe multiprofissional qualificada e com uma visão direcionada à assistência holística aos residentes.

3.2. Seleção dos animais

Para a seleção do animal, foram consideradas as recomendações do *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) e do *Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee* (HICPAC).

Foram avaliados quatro cães terapeutas para o experimento, duas fêmeas e dois machos adultos das raças: Pug, Lhasa Apso e Shih-Tzu. Os quatro cães já eram habituados à terapia por serem participantes do projeto de extensão Zooterapia: Bicho Amigo. A rotina de trabalho dos animais envolvia visitas semanais ao Abrigo Frei Anselmo para participação das TAAs com idosos, com duração de aproximadamente 60 minutos cada sessão (Ilustração 1).

Ilustração 1. Cães participantes da Atividade Assistida por Animais no Abrigo Frei Anselmo, Unaí, 2018.



A: cadela Belinha; B: cão Airom; C: cadela Alice; D: cão Oscar. Fonte: Autoria própria, 2018.

Uma equipe de veterinários realizou exame clínico dos animais candidatos a participar do programa. Os animais selecionados apresentaram carteirinha com todas as vacinas e vermifugações em dia.

Os tutores se responsabilizavam por dar banho no seu animal sempre no dia anterior às visitas e manter a tosa em dia de acordo com a raça. Adicionalmente, os cães participantes foram selecionados após avaliação de seu temperamento e adequação para realização da pesquisa. Foi observado se possuíam temperamento calmo, se eram sociáveis, se apresentavam comportamentos de ansiedade, medo ou agressividade.

3.3. Avaliação dos parâmetros fisiológicos

A avaliação dos parâmetros fisiológicos foi realizada em três diferentes momentos: M1: situação de repouso dos cães, sem desenvolvimento de atividades assistidas, em seu ambiente domiciliar; M2: imediatamente antes do início da atividade assistida, já no local da atividade; e M3: após o término das atividades de TAA. Para

cada momento foram coletadas três variáveis: Frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (FR) e temperatura retal (TR) (Yamamoto et al. 2012 e Costa et al. 2013).

A FC foi aferida por meio de auscultação, com auxílio de um estetoscópio, ajustado no peitoral dos cães, por meio dos batimentos cardíacos, pelo tempo de 15 segundos multiplicado por 4. Esse protocolo é adequado para cães mais agitados, pois normalmente a aferição dos batimentos é realizada diretamente por 60 segundos, sendo essa a melhor forma para diminuir o tempo e efetuar a medida.

A FR foi aferida contando os movimentos abdominais em um minuto. Em cães agitados foi efetuado o mesmo procedimento anterior (15 segundos/4), para diminuir o tempo de contenção do animal.

Para a aferição da TR foi utilizado um termômetro digital próprio para uso veterinário, o qual foi introduzido no reto dos cães até ser mensurado o valor correto. Foi observada também a ocorrência de doenças, o desenvolvimento de comportamentos estereotipados, a oscilação de peso corporal e a periodicidade de cio durante todo o período de 12 meses.

3.4. Avaliação comportamental

A avaliação comportamental foi realizada por meio de observação do animal, classificando-o segundo quatro tipos de comportamento: calmo – aquele que permanecia com as orelhas e cauda abaixadas; alerta – aquele cuja cauda e orelhas permaneciam apontadas para cima e/ou com um dos pés apontados para frente; agressivo – aquele que apresentasse pelos do dorso eriçados, lábios retraídos caudalmente, orelhas para frente e cuja cauda estivesse abanando lentamente; e com medo não acompanhado de agressividade – quando o animal permanecia abaixado, com a cauda entre as pernas e as orelhas caídas. Tal classificação foi baseada nas diferentes formas de expressão social (HOUPT, 2005). A avaliação comportamental foi conduzida por dois observadores em dois momentos: M1= em ambiente domiciliar antes de se proceder à coleta de dados para avaliação das características fisiológicas e M2= durante as sessões de terapia (comportamento predominante durante a sessão).

3.5. A Sessão Terapêutica

As sessões terapêuticas foram realizadas semanalmente, com duração média de 50 a 60 minutos, a depender das condições de estresse do cão, com a presença de 01 cão para cada 05 idosos.

Durante a sessão, todas as pessoas que participaram da interação com os animais, sejam pacientes, acompanhantes, enfermeiros ou médicos lavaram as mãos antes e depois do contato com o animal. A todo momento, evitou-se que o animal entrasse em contato com secreções como urina, saliva, vômito e feridas dos pacientes, além disso, o animal não tinha contato com utensílios de alimentação do paciente. O cão foi supervisionado todo tempo pelo seu condutor para evitar estímulos que levassem o cão a morder, lamber ou qualquer outro comportamento que pudesse interferir na terapia e interação com o idoso.

Os residentes realizavam atividades com os animais durante as sessões como acariciar, pentear e jogar bola para os cães e algumas atividades específicas indicadas pela equipe multidisciplinar (Ilustração 2).

- ✓ Residentes cadeirantes: Caminhada por obstáculos sendo conduzido pelo cão, massagear os cães com os pés, chutar a bola para o cão;
- ✓ Residentes com dificuldade na coordenação motora: Manuseio de pequenas contas em recipientes e pregadores coloridos nas roupas dos cães, jogar bola para o cão, acariciar;
- ✓ Residentes com dificuldades cognitivas: Associação de cores utilizando bolas e potes coloridos;
- ✓ Residentes com problemas respiratórios: Soprar floquinhos de isopor.

Ilustração 2. Residentes do Abrigo Frei Anselmo participando das atividades assistidas pelos cães Aiom, Alice e Belinha, Unai, 2018.



A: Associação de cores utilizando bolas e potes coloridos; B: passeio conduzindo o cão; C: Caminhada com obstáculos sendo conduzido pelo cão; D: manuseio de pregadores coloridos nas roupas dos cães.
Fonte: Autoria própria, 2018.

3.6. Análises Estatísticas

Para análise das variáveis estudadas, foi realizada estatística descritiva (média e desvio-padrão) pelo programa Excel.

O presente estudo encontra-se de acordo com os preceitos da Lei número 11.794, de 8 de outubro de 2008, do Decreto número 6.899, de 15 de julho de 2009, e com as normas editadas pelo Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA), e foi APROVADO pela Comissão de Ética no Uso de animais (CEUA) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, protocolado com número 020/2017.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de um (01) ano, foram realizadas 18 sessões terapêuticas. A Shih-Tzu Belinha e o Lhasa Apso Airon participaram juntos de 15 sessões, enquanto os Pugs, Alice e Oscar participaram de 2 sessões juntos e Alice participou de mais uma sessão sozinha. As interrupções ocorridas no período foram decorrentes de feriados, recessos e férias acadêmicas ou na instituição do abrigo.

Durante as sessões, devido à preferência dos residentes ao contato com a Shih-Tzu e com o Lhasa Apso, pelo fato dos mesmos serem mais calmos durante as atividades, adicionado a maior facilidade de transporte destes cães, os mesmos registraram maior participação das sessões.

Os valores de média e desvio padrão para os parâmetros fisiológicos dos quatro cães terapeutas, aferidos antes, durante e após as sessões terapêuticas, correspondentes aos momentos 1, 2 e 3 estão sumariados na Tabela 1.

Quanto aos parâmetros fisiológicos, e em relação aos valores registrados para FC, verificou-se que imediatamente antes das sessões (M2) ($90,5 \pm 12,1$ e $95,6 \pm 20,1$ bpm respectivamente para os cães Belinha e Airon) dois dos quatro cães apresentaram maiores valores comparativamente as médias e desvio-padrão registradas em ambiente domiciliar (M1) ($78,8 \pm 4,6$ e $77,2 \pm 4,1$ bpm respectivamente para os cães Belinha e Airon) e imediatamente após as sessões (M3) ($85,3 \pm 9,8$ e $90,1 \pm 13,0$ bpm respectivamente para os cães Belinha e Airon) (Tab.1). A FC dos pugs, Alice e Oscar, em ambiente domiciliar (M1) não foram registrados devido a indisponibilidade de locomoção até o domicílio para aferição dos valores.

A pequena elevação das médias e desvio-padrão da FC imediatamente antes das sessões (M2) possivelmente está atribuído à ansiedade e agitação dos animais em ambiente diferente do domiciliar, para o início das atividades. Entretanto, os valores registrados neste estudo, mesmo no M2, estão dentro dos valores de referência citados por Feitosa (2014) para FC em cães de pequeno porte, que pode variar entre 60 à 160 bpm em situações de repouso, podendo chegar a 180 bpm se o animal estiver em exercício. O que indica que mesmo o exercício desenvolvido pelos cães terapeutas durante as sessões, neste estudo, não foi suficiente para causar alteração da FC dos animais.

Tabela 1. Média e desvio padrão dos parâmetros fisiológicos de quatro cães utilizados em TAA (terapia assistida por animais) em situação de repouso em seu ambiente domiciliar (M1), imediatamente antes do início da atividade assistida, já no local da atividade (M2) e após o término das atividades (M3).

	MOMENTO	FC	FR	TEMP
BELIHA	M1	78,8±4,6	50,4±11,8	38,5±0,3
	M2	90,5±12,1	46,0±8,7	*
	M3	85,3±9,8	42,9±5,4	38,3±0,1
AIROM	M1	77,2±4,1	44,0±12,6	38,7±0,4
	M2	95,6±20,1	49,2±8,6	*
	M3	90,1±13,0	50,9±6,9	38,4±0,4
ALICE	M1	**	**	**
	M2	101,3±36,9	43,3±3,1	*
	M3	91,3±14,5	50,3±12,7	*
OSCAR	M1	**	**	**
	M2	87,0±1,4	57,5±3,5	*
	M3	110,0±14,1	54,5±4,9	*
MÉDIAS		90,71±13,0	48,9±7,8	38,4

FC: Frequência cardíaca em btm (batimentos por minuto); FR: frequência respiratória em mpm (movimentos por minuto); TEMP: temperatura retal em graus Celsius. *Valores de temperatura retal durante a sessão (M2) foram inviabilizados. **Alice e Oscar estavam indisponíveis para aferição em M1

Para a FR, verificou-se que as médias e desvio-padrão registrados para os quatro animais foram semelhantes, sendo os valores para M2 da cadela Belinha e do cão Oscar ligeiramente maiores (46,0±8,7 e 57,5±3,5mpm respectivamente) do que M3 (42,9±5,4 e 54,5±4,9mpm respectivamente). Enquanto que o cão Airom apresentou valores para M3 (50,9±6,9mpm) maiores do que M1 (44,0±12,6mpm) e M2 (49,2±8,6mpm), assim como a cadela Alice que apresentou valores de M3 (50,3±12,7mpm) maiores do que M2 (43,3±3,1mpm). Segundo Feitosa (2014) os valores de referência para a FR em cães de pequeno porte variam entre 18 a 36mpm, em animais em repouso. Observa-se, que em todos os momentos deste estudo, mesmo no ambiente domiciliar, os valores para FR estão acima do considerado referência para cães de pequeno porte. A elevação da frequência respiratória em após as sessões provavelmente é atribuída à excitação do cão pelo contato com os residentes, bem como à manipulação e contenção do animal ao término

das TAA. Entretanto, o aumento da FR mesmo em ambiente de repouso provavelmente pode estar relacionado ao fato de que todas as raças dos cães utilizados neste estudo são braquicefálicas.

A síndrome das vias aéreas braquicefálicas, ou simplesmente síndrome braquicefálica, é composta por algumas anormalidades como narinas estenóticas, palato mole prolongado e hipoplasia de traqueia que podem causar obstrução das vias aéreas superiores. Esta obstrução resulta em esforço respiratório aumentado o que provavelmente pode ter alterado o padrão respiratório dos animais estudados (Morais et al. 2012).

As médias de temperatura retal foram mensuradas apenas nos momentos M1 e M3. Os valores de temperatura retal imediatamente antes da sessão (M2) não foram possíveis de aferição devido a ansiedade e excitação dos residentes, os quais, não queriam ficar ociosos quando observavam a chegada dos cães, e pela dificuldade de contenção dos cães que chegavam agitados. Os valores para M1 ($38,5 \pm 0,3$ e $38,7 \pm 0,4^\circ\text{C}$ para a cadela Belinha e para o cão Airom respectivamente) apresentavam médias moderadamente mais elevadas do que as médias em M3 ($38,3 \pm 0,1$ e $38,4 \pm 0,4^\circ\text{C}$ para a cadela Belinha e para o cão Airom respectivamente), contudo, não indicou nenhuma alteração relevante, visto que, encontra-se dentro dos padrões de referência para cães de pequeno porte, conforme citado por Feitosa (2014) de $37,5$ a $39,2^\circ\text{C}$. Resultados diferentes foram registrados por Yamamoto et al. (2012) e Ferreira (2017) que verificaram aumento de temperatura retal dos cães participantes de TAA.

No estudo de Yamamoto et al. (2012), os autores verificaram diferença significativa dos valores obtidos da temperatura entre os animais em repouso e depois da sessão, em razão, provavelmente, da manipulação e do transporte dos animais até o local da TAA, ao clima extremamente quente da cidade, ao exercício e à excitação decorrente da atividade desenvolvida. Ferreira (2017) relata que pequenas variações da temperatura são esperadas, devido ao deslocamento e atividade dos cães.

Haubenhofner et al. (2006) relataram que o tempo das sessões pode ser um influenciador dos parâmetros fisiológicos e comportamentais. Segundo os autores, cães que participavam de sessões curtas sem intervalos apresentavam níveis de cortisol mais elevado do que em sessões mais longas, alterando o comportamento dos mesmos. A avaliação comportamental dos cães neste estudo está sumariada na Tabela 2.

Os comportamentos dos cães foram analisados e contabilizados em dois momentos, no ambiente domiciliar (M1) e no abrigo durante as sessões (M2). Em

ambiente domiciliar a cadela Belinha foi classificada como calma na maioria das vezes (12 das 15 sessões - 80%) ou em alerta (3 das 15 sessões - 20%). O cão Airom também foi identificado como calmo (10 das 15 sessões - 66%) ou em alerta (5 das 15 sessões - 33%) e os cães Alice e Oscar apresentavam-se sempre calmos. No local da terapia, a cadela Belinha apresentava-se calma (11 das 15 sessões - 73%) ou com medo (4 das 15 sessões 26%). O Airom foi classificado como calmo (6 das 15 sessões - 40%), em alerta (5 das 15 sessões - 33%) ou com medo (4 das 15 sessões - 26%). A cadela Alice e o cão Oscar, apesar de terem sido avaliados poucas vezes, apresentavam-se sempre calmos.

Tabela 2 – Avaliação comportamental dos quatro cães terapeutas durante as dezoito sessões de TAA.

CÃO	MOMENTO	AVALIAÇÃO COMPORTAMENTAL			
		CALMO (n)	ALERTA (n)	COM MEDO (n)	AGRESSIVO (n)
Belinha	M1	12	3	0	0
Belinha	M2	11	0	4	0
Airom	M1	10	5	0	0
Airom	M2	6	5	4	0
Alice	M1	3	0	0	0
Alice	M2	3	0	0	0
Oscar	M1	2	0	0	0
Oscar	M2	2	0	0	0

M1: Ambiente domiciliar; M2: Momento durante as sessões. n: número de sessões que os animais apresentaram determinado comportamento.

Não foi observado em nenhum cão comportamento agressivo, o que comprova a índole e habilidade do cão para ser aprovado para participar de TAAs. Além disso, a interação dos cães com idosos deixam os animais mais calmos, provavelmente pelo caminhar devagar, voz calma dos idosos e os toques delicados para fazer carinho, característicos destas pessoas, como afirma Prochet e Silva (2011).

Os sinais de medo e alerta que dois dos quatro animais apresentavam, variavam durante o decorrer das sessões, demonstrando que os animais se acalmavam até o término das atividades. A cadela Belinha apresentou um comportamento mais

introspectivo durante a sessão, podendo ser justificado por estar em ambiente estranho e afastado de seus tutores.

Embora não tenha sido aferido dosagens hormonais (cortisol) para verificação de estresse dos cães no presente experimento, as avaliações comportamentais corroboram com o estudo de Yamamoto et al. (2012) que analisando alterações fisiológicas e a variação do cortisol sérico em cães de TAA, concluíram que esta atividade não causou estresse nos cães, o que foi atribuído em parte pela adequada adaptação dos animais à atividade, o que também se verifica no presente trabalho. Resultados semelhantes foram registrados por Rampim et al. (2015) avaliando comportamento de cães em sessões de TAA com idosos e crianças autistas.

O cão Airom apresentou comportamentos indicativos da Síndrome da Ansiedade de Separação (SAS), demonstrando ansiedade e inquietação quando afastado de pessoas do seu convívio. Segundo Machado (2017) a SAS é uma condição clínica que se expressa pela apresentação de um conjunto de comportamentos, exibidos isoladamente ou em associação, por um animal ao ser separado da figura de apego, que pode ser uma pessoa ou outro animal. Nesses animais, o vínculo com o tutor é um elemento essencial para a manutenção da sua estabilidade emocional, ou seja, para a manutenção da homeostase. Nestes, a separação do tutor é um agente estressor e um estímulo ansiogênico, que leva à quebra de homeostase, acarretando em uma série de respostas comportamentais e fisiológicas. Entretanto, verificou-se que mesmo apresentando este comportamento, a característica não foi suficiente para causar alterações nos parâmetros fisiológicos, como visto anteriormente.

Segundo Rocha (2015), vários aspectos podem influenciar no comportamento de um cão. Se a pessoa assistida sente prazer durante a interação com o animal, o cão, por sua vez, também deverá apreciar a atividade. O autor também salienta a importância da interação entre o condutor e o animal. O cão que se sente seguro com o condutor, estará mais confortável e tranquilo e menos sujeito ao estresse.

No período referente ao estudo, os cães não apresentaram indícios de enfermidades. Os cães estavam saudáveis, com pesos estáveis, sem comportamentos estereotipados, e as cadelas apresentaramaios cios regulares.

6- CONCLUSÕES

A participação de cães em TAA com idosos não gera malefícios ao comportamento e ao bem-estar do animal, visto que não houve alteração dos aspectos fisiológicos e comportamentais dos cães.

De maneira geral, os cães apresentaram comportamento de satisfação e tranquilidade, o que demonstra índole e habilidade do cão durante sessões de TAA.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, N.; COSTA, M. P.; VIADANNA, P. H. O.; ARAÚJO, C. N. P.; SANTOS, J. B. F.; OLIVEIRA, P. R.; Importância da relação cão-idoso para aprimoramento da qualidade de vida em instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Uberlândia-MG. **Rev. em Extensão**, v.10, n. 1, p. 128-138, jan/jun, 2011.

FEITOSA, F. L. F. **Semiologia Veterinária - A Arte do Diagnóstico**. 3ª Ed. São Paulo SP: Roca, 2014.

FERREIRA, H. M.; MIGUEL, J. S. C.; POIATTI, M. L. Variações Fisiológicas de cães envolvidos em atividades assistidas e avaliação do diagnóstico de satisfação dos proprietários. In: Congresso de Iniciação científica da Unesp, 13. Dracena SP. vol. 13, n. Especial, Jul-Dez, 2017, p. 229-235.

FRANK, D.; GAUTHIER A.; BERGERON R. Placebo-controlled double-blind clomipramine trial for the treatment of anxiety or fear in beagles during ground transport. **Can. Vet. J.**, v.47, p.1102-1108, 2006.

HAUBENHOFER, D.K.; KIRCHENGAST, S. Physiological arousal for companion dogs working with their owners in animal-assisted activities and animal-assisted therapy. **J. Appl. Anim. Welf. Sci.**, v.9, p.165-172, 2006.

IMPROTA, C. T. R.; Normas De Bem-estar Animal: Da Academia Aos Agentes Sanitaristas. Dissertação Mestrado em Agroecossistemas, Florianópolis, 2007.

KOBAYASHI, C. T.; USHIYAMA, S. T.; FAKIH, F. T.; ROBLES, R. A. M.; CARNEIRO, I. A.; CARMAGNANI, M. I. S.; Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. **Rev. Brasileira de Enfermagem**. v. 62, n. 4: 632-6, 2009.

MACHADO, D. S.; SANT'ANNA A. C.; Síndrome de Ansiedade por Separação em Animais de Companhia. **Rev. Brasileira de Zootecias**. v. 18, n. 3: 159-186, 2017

MACHADO, J. D. A.; ROCHA, J. R.; SANTOS, L. M. Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. Ano VI, n. 10, p.1-7, jan, 2008.

MALAKOSKI, V. M.; DIAS, D. C. Atividade Assistida por Animais (AAA): uma nova forma de intervenção de Enfermagem. 3ª Mostra de Trabalhos em Saúde Pública. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009, p. 1-12.

MORAIS, P. C.; BÜRGER, C. P.; ISOLA, J. G. M. P. Síndrome aérea dos braquicefálicos – Estenose de narina em cão: relato de caso. **Revista Científica eletrônica de medicina veterinária**. Ano IX, n18, p. 1 – 12, jan, 2012.

PEREIRA, M. J. F.; PEREIRA, L.; FERREIRA, M. L.; Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. **Rev. Saúde Coletiva**. vol. 4. n. 14: 62-66, 2007.

PROCHET, T. C., SILVA, M. J. P. **Percepção do idoso dos comportamentos afetivos expressos pela equipe de enfermagem**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro , v. 15, n. 4, p. 784-790, Dec. 2011 .

ROCHA, C. F. P. G.; Avaliação comportamental e endócrina do nível de estresse de cães participantes de intervenções assistidas por animais. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, p. 1-42, 2015.

RAMPIM, L.V., Negreiros N. F., OLIVA, V. N. L. Caracterização comportamental de cães terapeutas durante atividades de Terapia Assistida por Animais (TAA). 8 Congresso de extensão universitária da UNESP, p. 1-8, 2015.

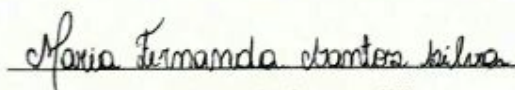
Terapia com animais. Disponível em:
http://www.equogenfidelis.org.br/files/artigos/TERAPIA_COM_ANIMAIS.pdf.
Acessado em 10/07

UDELL, M.A.R.; WYNNE, C.D.L. A review of domestic dogs' (*Canis familiaris*) human-like behaviors: or why behavior analysts should stop worrying and love their dogs. **J. Experim. Anal. Behav.**, v.89, p.247- 261, 2008.

YAMAMOTO, K.C.M., SILVA, E.Y.T, COSTA, K.N, SOUZA, M.S., SILVA, M.L.M., ALBUQUERQUE, V.B., PINHEIRO, D.M., BERNABÉ, D.G., OLIVA, V.N.L.S. **Avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados em terapia assistida por animais (TAA)**. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.64, n.3, p. 568-576, 2012.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e/ou divulgação total ou parcial do presente trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, desde que citada a fonte.



Maria Fernanda Santos Silva

mfernandasansil@gmail.com

Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri

Av. Ver. João Narciso, 1380 - Cachoeira, Unai - MG, 38610-000